

A HOSTILIDADE INDÍGENA AOS POVOADORES DO NORDESTE DO ESTADO

FIDÉLIS DALCIN BARBOSA

Professor, Historiador, Jornalista e Escritor, Lagoa Vermelha, RS.

Os índios Guainás, também conhecidos por Coroados, os atuais Caingangue e os Botocudos (Xoclen) da região dos Aparados, ofereceram tenaz resistência à penetração de toda a região do Nordeste do Rio Grande do Sul, hostilidade que durou cerca de cem anos, fazendo com que a ocupação dos Campos da Vacaria e Campos de Passo Fundo fosse retardada consideravelmente.

Os primeiros fazendeiros que se estabeleceram nestes campos, a fim de se prevenirem contra os assaltos dos gentios às suas casas e pessoas, conforme relata Manuel Duarte, viram-se obrigados a construir suas casas no alto de algum morro ou coxilha, de onde se pudesse avistar qualquer eventual aproximação dos indígenas.

Nos atuais municípios de Vacaria e Bom Jesus, ainda podem ser observadas ruínas destas casas no cimo de morros.

Nas proximidades da atual cidade de André da Rocha, onde os índios em 1851 assaltaram a fazenda do pioneiro Bernardino Fialho de Vargas, alteia-se um morro, perto da BR-470, que leva o nome de Morro da Vigia. Do alto deste morro, a família Fialho de Vargas, costumava colocar uma pessoa em missão de observação de algum bando de índios.

Os povoadores viram-se, por vezes, obrigados a lançar mão de armas a fim de expulsar os gentios, chegando a provocar matanças deles.

No atual município de Lagoa Vermelha, na região de Santa Rita, divisa com Vacaria, ainda antes de 1800, os índios assaltaram a fazenda do furriel Cipriada Costa Monteiro e demais estancieiros da margem direita do rio Santa Rita, destruindo tudo o que não lhes servia, queimando as casas, trucidando as pessoas que lhes caíram às mãos e matando os animais domésticos, fazendo com que os moradores se retirassem para lugares distantes.

Diante da ferrenha hostilidade indígena, a passagem do Mato Português e do Mato Castelhana constituía autêntica aventura. Para evitar os assaltos, os tropeiros deviam prevenir-se de um guia prático, na pessoa de algum bugreiro. O mais famoso destes bugreiros foi José Domingos Nunes de Oliveira, que morava junto ao Mato Castelhana. Era ele tão temido dos índios, que chegava a afugentá-los só com a presença do seu pala de gaúcho, que ele costumava emprestar aos chefes das caravanas ou das tropas de muares (V. Delma Rosendo Gehm).

Em 1840, Bento Gonçalves e Davi Canabarro, junto com Garibaldi e Anita, cruzaram por onde mais tarde, em 1845, foi fundada a cidade de Lagoa Vermelha. Eis o que relata Garibaldi no seu livro de memórias "Minha luta pela liberdade":

"Sucedeu ao general francês um incidente que narrarei por sua extraordinária originalidade. Labattut devia atravessar em seu caminho as duas florestas conhecidas pelos nomes de Mato Português e Mato Castelhana. Encontravam-se naquelas imediações algumas tribos de indígenas selvagens chamados Bugres, dos mais ferozes que existem no Brasil. Conhecendo estes a passagem dos imperiais, prepararam-lhes várias emboscadas, saindo-lhes do emaranhado da mata e aplicando-lhes não poucos estragos; comunicando ao mesmo tempo

ao General Canabarro que eles eram amigos dos republicanos, e em verdade não nos causaram o menor mal ao atravessarmos a selva.

Vimos - prossegue Garibaldi - os fogos (cavidades cobertas cuidadosamente com terra, nas quais se precipita o incauto viajar, enquanto os selvagens se aproveitam da situação para assaltá-los). Não encontramos nenhuma daquelas cavidades cobertas e as grandes barricadas de troncos ao lado da picada, de onde são feridos os viajantes com flechas, estavam desguarnecidas.

Naqueles mesmos dias - continua Garibaldi - apareceu fora do mato uma mulher que em pequena fora raptada pelos selvagens de uma casa de Vacaria (Lagoa Vermelha), aproveitou a circunstância de nossa aproximação para salvar-se. A coitada encontrava-se em situação muito deplorável".

O último assalto dos Coroados aconteceu no dia 5 de agosto de 1851, à fazenda de João Mariano Pimentel' no Turvo, atual município de André da Rocha. No assalto os índios mataram a Serafim, irmão de João Mariano, os filhos Marcos e Manuel e mais três peões, poupando milagrosamente a vida da esposa, D. Bárbara Borges Vieira, e mais a filha menor, Núncia, que se encontrava na casado tio José Nunes da Silva, na Fazenda São José. Os índios levaram as filhas, já moças, Francisca e Perpétua, os filhos João Mariano, de 8 anos, e Antônio, de três, e mais uma escrava, os quais foram resgatados um mês após, no dia 6 de setembro, junto à barra do Carreira com o rio das Antas, onde João Mariano fundou um povoado, dando-lhe o nome de sua esposa - Santa Bárbara, que é porto e passo ligando os municípios de Bento Gonçalves e Guaporé. O resgate foi facilitado com a valiosa ajuda do Cacique Doble e seu grupo, do Aldeamento do Pontão.

Na busca do esconderijo das pessoas raptadas, uma força militar de Vacaria, procurando localizar os Coroados, bateu os índios do Pontão (Barracão), provocando mortes e a revolta geral dos indígenas. Temendo represálias, não poucos moradores transferiram-se para outros lugares mais seguros, como Vacaria, Campos Novos e Lages.

Acerca deste assalto, com o andar dos anos, surgiu uma lenda absurda que se encontra até em livros de dois historiadores. Diz a lenda que as duas filhas de João Mariano Pimentel foram resgatadas tendo cada uma um filho no colo, fruto de estupro dos índios.

A lenda é tão absurda, não só porque os Coroados respeitavam sob pena de morte qualquer relacionamento com as mulheres raptadas, mas ainda porque o resgate aconteceu, como vimos, no dia 6 de setembro daquele mesmo ano de 1851, um mês apenas após o rapto.

Outra lenda absurda, que ainda vem narrada nos dias atuais, é de que João Grande, o negro que chefiou o bando indígena no assalto à fazenda de João Mariano Pimentel, teria sido morto por João Mariano, e estaqueado a pele em sua casa. Ao receber uma visita, João Mariano apontava a pele, dizendo: Eis ali a pele da fera.

Quem nos fornece o verdadeiro final de João Grande é o historiador Leopoldo Petry, por ocasião de um assalto praticado em Mundo Novo (Taquara) no dia 8 de janeiro de 1852.

Diz o historiador: "Era inspetor naquela zona o Capitão Francisco Müller.

Este reuniu às pressas vários colonos e convidou também o grupo chefiado pelo Cacique

Doble, que casualmente ali se encontrava, para encetarem a operação e que foi iniciada logo que estavam concluídos todos os preparativos.

Dirigiu-se a escolta primeiramente à casa do estancieiro, do qual acima falamos, e levando para guiá-la a ex-prisioneira, tomou o rumo do mato".

Narra o Capitão Francisco Müller: "Já eu tinha deliberado o que havia de fazer com respeito ao famigerado João Grande, o chefe do bando.

Poderia talvez prendê-lo e entregá-lo a seu dono ... Mas o preto, muito esperto, teria fugido de novo para recomeçar a sua vida de bandido e dar largas ao seu ódio contra a raça branca. Por isso julguei melhor deixar plena liberdade aos bugres do Cacique Doble.

Entramos no mato. Os Bugres se espalharam e apesar de saber que não estavam longe de mim, não podia avistar nenhum deles. Só de vez em quando aparecia um subindo com agilidade numa árvore, ou descendo por um cipó. Nós, os brancos, seguimos o trilho, conforme indicações da Maria.

Os bugres de João Grande viviam despreocupados. Não julgavam que a sua prisioneira tivesse fugido, pois, nunca tinha mostrado intenções de o fazer. Acreditavam que se havia perdido no mato, e as pegadas em rumo do acampamento, que tinha visto, os confirmavam nessa opinião. Resolveram, por isso, demorar-se alguns dias no mesmo sítio, a fim de serem encontrados por Maria, caso esta voltasse.

Não demorou, pois, muito, que fossem pressentidos pela gente da Doble. O acampamento foi cautelosamente cercado e o círculo apertado cada vez mais. Nós que seguíamos pelo trilho do gado, chegamos mesmo a tempo de podermos assistir ao renhido combate, que já tinha começado.

A filha e o genro de Doble, que não queriam render-se, caíram sobre os cacetes dos nossos bugres. Doble a princípio queria poupar os seus netinhos, mas, como estes se portavam quais gatos furiosos, o velho os matou igualmente a porrete.

João Grande levou uma cacetada na cabeça e caiu. Conhecendo a resistência dos crânios africanos, fiquei um pouco desconfiado com o crioulo e adverti o velho cacique de que ele ainda não estava morto. Mas Doble, rindo-se, disse: este não levanta mais.

Para provar o contrário, puxei da espada e com um golpe cortei fora a orelha do preto, juntamente com um pedaço do crânio. Ligeiro, como um raio, levantou-se o pseudo morto. Então os bugres novamente puseram em ação os seus cacetes e reduziram em pouco tempo a uma massa informe a cabeça de João Grande. Feito isso, Doble disse: Mas agora acho que está morto .. , "

Leopoldo Petry nos copta: "Cacique Doble, seu bando, juntamente com as duas mulheres e os dois meninos, foram apresentados ao Presidente da Província. O intérprete apontou o Cacique Doble, que tanto se havia distinguido na morte de João Grande e a extinção de sua horda. Então, o cacique, sabendo que estavam falando dele, meteu, todo faceiro, a mão no bolso das calças e, tirando um objeto que se parecia um tanto com um pedaço de couro seco, apresentou-o aos presentes, dizendo que se tratava da orelha direita de João Grande, guardada por ele como lembrança ...

Entretanto - continua o Leopoldo Petry - a morte de João Grande custou a vida de quase todos os integrantes do seu grupo. Tendo sido presenteados pelo governo provincial com fardamentos usados por soldados atacados de varíola, os pobres índios do Cacique Doble, muito satisfeitos, vestiram-nos, sendo então atacados igualmente do mesmo terrível mal.

Não conhecendo, julgavam que com os banhos de água fria poderiam curarse; mas o contrário aconteceu. Quase todos morreram ... "

Os restantes, junto com o Cacique Doble, retomaram para seu aldeamento, no atual município de Ibiraiaras, onde, mais tarde, o próprio Cacique Doble veio a falecer vítima de varíola. Faleceu no dia 25 de março de 1964, com 64 anos, assistido pelo Pe. Antônio de Moraes Branco.

Antônio José dos Passos, auxiliar do aldeamento, dizia que o Cacique não foi sepultado no cemitério do toldo, mas em lugar escondido no mato. O governo imperial ofereceu cinco contos de réis para quem lhe entregasse o crânio deste notável chefe indígena. O governo tencionava guardá-lo num museu como lembrança do cacique que mais colaborou na pacificação dos índios Coroados.

Raízes de Torres – Edições EST 1996

Prefeitura Municipal de Torres.